

TÉCNICA E MORAL: UMA REFLEXÃO A PARTIR DE NIETZSCHE

TECHNIQUE AND MORALITY: A REFLECTION FROM NITZSCHE

Ângela Luzia Miranda¹

Mário Sérgio Fernandes Canuto de Carvalho²

Resumo:

Que relação podemos estabelecer entre o pensamento de Friedrich Wilhelm Nietzsche acerca da moral e o sentido da técnica na contemporaneidade? O presente artigo trata de aprofundar tal problemática, considerando as contribuições e a importância do pensamento de Nietzsche para analisar o sentido filosófico da técnica em nosso tempo. Muito embora "o filósofo da moral" não tenha se dedicado especificamente ao assunto da técnica, o propósito deste escrito é demonstrar e analisar as interconexões entre moral e técnica, entrelaçando o pensamento crítico nietzschiano sobre a moral e seus impactos na constituição do subjetivo da condição humana, numa era que se tornou eminentemente tecnificada. Para tanto, este estudo parte fundamentalmente da crítica de Nietzsche ao racionalismo e ao positivismo, passando pela suspeita do sentido da verdade, até desembocar em seus estudos sobre a genealogia da moral, como eixos temáticos elementares para pensar a técnica e seu significado na contemporaneidade. O estudo termina por demonstrar como a crítica nietzschiana sobre a moral inexoravelmente está imbricada e implicada com o subjetivo da condição humana, numa época marcada pela tecnificação, inclusive, da moral e do próprio indivíduo.

Palavras-chave: Nietzsche. Moral. Técnica. Subjetividade. Verdade.

Abstract:

What relationship can we establish between Friedrich Wilhelm Nietzsche's thoughts on morality and the significance of technology in contemporary times? This article aims to delve deeper into this issue, considering the contributions and importance of Nietzsche's thought in analyzing the philosophical meaning of technology in our era. Although "the philosopher of morality" did not specifically focus on the subject of technology, the purpose of this study is to demonstrate and analyze the interconnections between morality and technology, intertwining Nietzsche's critical thought on morality and its impacts on shaping the subjective aspect of the human condition in an era that has become eminently technified. To this end, this study fundamentally stems from Nietzsche's critique of rationalism and positivism, passing through the suspicion of the sense of truth, to culminate in his studies on the genealogy of morality, as fundamental thematic axes to consider technology and its meaning in contemporary times. The study concludes by demonstrating how Nietzsche's critique of morality is inexorably intertwined and implicated with the subjective aspect of the human condition, in an era marked by the technification, including, of morality and the individual itself.

Keywords: Nietzsche. Technology. Morality. Subjectivity. Truth.

¹ Pós-Doutorado em Filosofia. Atualmente é Professora Associada do Instituto Humanitas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e coordena o Grupo de Pesquisa Phrônesis: Estudos em Filosofia, Ciência, Tecnologia e Sociedade. Professora Associada do Instituto Humanitas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e coordena o Grupo de Pesquisa Phrônesis: Estudos em Filosofia, Ciência, Tecnologia e Sociedade. E-mail: angelalmiranda@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2841293474679022>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4516-7301>

² Graduando do curso Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades associado ao Instituto Humanitas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde atua como bolsista do Grupo de Pesquisa Phrônesis: Estudos em Filosofia, Ciência, Tecnologia e Sociedade. Discente do curso de Graduação: Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: marioihcanuto@gmail.com, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7593206499856867>, ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8656-4469>

Introdução

Violentamos a nós mesmos hoje em dia, não há dúvida, nós, tenazes, quebra-nozes da alma, questionadores e questionáveis, como se viver fosse apenas quebrar nozes: assim nos devemos tornar cada vez mais passíveis de questionamento, mais dignos de questionar, e assim mais dignos talvez – de viver?... (NIETZSCHE, 2001, III, 9, p.103).

A técnica, pensada a partir do que lhe constitui, e, ao mesmo tempo, do que é constituído por ela, implica também na constituição do ser humano. Logo, o lugar desde onde deve ser pensada a técnica reside na esfera do ser, muito mais do que do mero fazer, adverte Heidegger em seu importante estudo *A pergunta pela técnica* (2012). Se, por um lado, essa afirmação heideggeriana constitui o ponto de partida deste escrito, por outro lado, não menos importante deixa de ser a observação jonasiana sobre o sentido da técnica em nossa época, quando diz:

É porque a técnica, hoje em dia, interfere em quase tudo o que diz respeito ao ser humano – viver e morrer, pensar e sentir, agir e padecer, ambiente e coisas, desejos e destino, presente e futuro –, em suma, dado que ela se tornou um problema tanto central quanto ameaçador da existência humana global sobre a terra, que ela, por meio disso, se converte também numa questão da Filosofia. Com isso, faz-se necessário algo como uma Filosofia da Técnica (JONAS, 1987, p. 15).

Dado que a técnica ocupa hoje um lugar privilegiado nos fins, não somente objetivos, mas também subjetivos da condição humana, a reflexão filosófica pautada aqui pretende alargar essa constatação, considerando, sobretudo, os elementos que constituem o subjetivo da condição humana permeada pela técnica. Neste sentido, partimos do pressuposto de que o pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche traz contribuições significativas para tal propósito. Em outros termos, o mapeamento antes mencionado, trazido por Heidegger e Jonas sobre o sentido da técnica, é o ponto de partida da reflexão que pretendemos tecer neste escrito. No entanto, mais além de se referir a este mapeamento, o intuito é apresentar o que se reverbera dele, considerando o pensamento nietzschiano, especialmente sobre a moral ocidental, e como sua leitura crítica estabelece as conexões para pensar a subjetividade numa era que se tornou eminentemente tecnificada.

Muito embora, o filósofo “da moral” não tenha se dedicado ao assunto da técnica, suas reflexões sobre a moral; sua crítica ao positivismo e ao racionalismo; sua desconfiança sobre o sentido da verdade, fatalmente nos levam a pensar na constituição do ser a partir de conjecturas que se instauram na construção moral das subjetividades dos indivíduos na era da técnica. É desde aí onde se percebe a intrínseca relação entre o pensamento de Friedrich Nietzsche acerca da moral e o sentido da técnica em nossa época. Esta é, portanto, a problemática principal deste estudo a qual já se deixa entrever em toda a sua potencialidade nos próprios dizeres de Nietzsche, enunciados como epígrafe desta introdução e tal como veremos a seguir, “como se viver fosse apenas quebrar nozes”.

A crítica ao racionalismo, ao cientificismo e ao conceito de verdade



Se é verdade que Nietzsche não se dedica exclusivamente a pensar a técnica como um problema filosófico, entretanto, isso não significa dizer que as inquietantes reflexões sugeridas pelo “filósofo da moral” não ofereçam os alicerces para um pensar filosófico sobre a técnica. Em efeito, a influência do pensamento de Nietzsche pode ser facilmente identificada em outros pensadores que lhe sucederam e se debruçaram sobre o tema da técnica, como é o caso de Martin Heidegger³.

Dessas inquietantes reflexões sugeridas por Nietzsche ainda no final do Século XIX, uma delas diz respeito à sua crítica ao cientificismo, preconizado pela leitura dos positivistas, tão em voga em seu tempo. Como bem destaca Toledo, ao analisar o surgimento da crítica de Nietzsche ao pensamento positivista, sobretudo de Augusto Comte, o período de produção do filósofo e filólogo alemão era “marcado pela consolidação de uma virada intelectual através do abandono de uma filosofia com bases puramente especulativas em direção ao cientificismo, que ganhou terreno na Europa ocidental ao longo do século XIX” (2016, p. 103).

Em *A gaia ciência* (2001a) Nietzsche manifesta sua desconfiança quanto ao positivismo como método de construção do conhecimento, quando suspeita dos pressupostos de validade de sua aplicação na busca pela compreensão da natureza das coisas. A concretude dessa afirmação torna-se aparente em vários de seus escritos. Especialmente no aforismo 112, intitulado “Causa e efeito”, o autor delinea a ideia de que as coisas e a natureza humana não podem ser compreendidas de forma abrangente pela utilização da inferência de algo. Como argumento fundamental, Nietzsche alega que a compreensão completa do real se torna elusiva, uma vez que é construída artificialmente, com base em premissas imagéticas da condição humana na busca por resultados finais. Assim ele descreve:

Operamos somente com coisas que não existem, com linhas, superfícies, corpos, átomos, tempos divisíveis, espaços divisíveis - como pode ser possível a explicação se primeiro tornamos tudo *imagem*, nossa imagem! Basta considerar a ciência a humanização mais fiel possível das coisas, aprendemos a nos descrever de modo cada vez mais preciso, ao descrever as coisas e sua sucessão (NIETZSCHE, 2001a, p. 140).

Considerando sua peculiar e genuína forma de pensar, onde se vê nitidamente o potencial pulsante de problematização de seu obrar filosófico, Nietzsche deixa claro sua suspeita quanto às vias de comprovação de resultados e que se utilizam de métodos aplicados para obtenção de respostas sobre um dado objeto. Ele alega haver limitação da experiência, pois nesta forma de elucidação, o que se observa é apenas uma fração de um conjunto total dos fenômenos. A esse “limite” metodológico na aplicação da relação causa e efeito, o filósofo alemão utiliza o termo “subitaneidade” para descrever como somente partes isoladas são compreendidas dentro do horizonte da totalidade:

Causa e efeito: essa dualidade não existe provavelmente jamais - na verdade, temos diante de nós um *continuum*, do qual isolamos algumas partes; assim como percebemos um movimento apenas como pontos isolados, isto é, não o vemos propriamente, mas o inferimos. A forma súbita com que muitos efeitos se

³A propósito, veja-se a importante obra sobre Nietzsche, escrita pelo próprio Heidegger. Nela se pode observar a influência do pensamento de Nietzsche em Heidegger; inclusive, no que diz respeito à construção de seu pensar sobre a técnica (HEIDEGGER, 2014).

destacam, nos confunde; mas é uma subitaneidade que existe apenas para nós. Neste segundo de subitaneidade há um número infundável de processos que nos escapam (NIETZSCHE, 2001a, p. 140).

O método de análise desde a relação de causa e efeito se torna súbito e limitado na compreensão do todo, pois, além de deixar escapar características da totalidade de algo, que lhe são indissociáveis para se ter uma compreensão fidedigna, também parte da condição humana de conhecer e compreender o mundo. Como bem reitera Marton (2006, p. 117), “a perspectiva humana é o único ponto de vista a partir do qual lhe é possível falar acerca dele”, i.é., do mundo.

É nesse mesmo contexto que Nietzsche faz referência às bases filosóficas historicamente constituídas que adotam como premissa o uso da razão para se chegar à “verdade”. Sobre as bases do racionalismo a noção de verdade se tornou totalizante e dogmática. Nisso consiste sua crítica ao racionalismo como corrente filosófica que atribui particular confiança à razão humana como processo de construção do conhecimento⁴. No entanto, Nietzsche direciona sua crítica não somente ao racionalismo moderno, pois, segundo ele, a crença no uso da razão como forma de conhecimento percorre toda a história do pensamento ocidental desde Sócrates, e marca uma transformação na forma de pensar do período mítico. A instauração do uso da razão (*lógos*) domina todo o período da filosofia clássica, passando pela era medieval, até chegar na filosofia cientificista de nosso tempo. Ou seja, o racionalismo em suas formas de manifestação histórica na cultura ocidental parte do rompimento do período trágico, que se configurou com o surgimento do racionalismo socrático e, por conseguinte, ganha força com o racionalismo científico, ao se instituir como uma verdade harmônica do homem e da natureza das coisas (CARVALHO, 2016, p. 29).

Nietzsche critica o lugar da verdade no pensamento socrático, que reside no mundo suprassensível, ao mesmo tempo que também questiona a pretensão de validade dos conceitos universais postulados pela filosofia socrática. Contudo, para além da pretensão de validade universal da verdade, em *Além do Bem e do Mal* (1999), o filósofo alemão também evidencia a negação dos desejos e pulsões humanas quando da supervalorização da razão. À esteira desse argumento, a filosofia socrática, que suprimiu desejos e pulsões, também promoveu a mudança da visão de mundo cosmocêntrica para a perspectiva de vida racional (CARVALHO, 2016, p. 9)⁵. Nisso consiste sua crítica à razão:

Com ela [a razão] o socratismo condena tanto a arte quanto a ética vigentes; para onde quer que dirija o seu olhar perscrutador, avista ele a falta, infere a íntima insensatez e a detestabilidade do existente. A partir desse único ponto julgou Sócrates que devia corrigir a existência: ele, só ele, entra com ar de menosprezo e de superioridade, como precursor de uma cultura, arte e moral totalmente distintas, em um mundo tal que seria por nós considerado a maior felicidade agarra-lhe a fimbria com todo respeito (NIETZSCHE, 2012 p. 82).

⁴ Como bem diz Costa, essa seria uma das características mais notáveis do pensamento nietzschiano: a crítica às bases de utilização da razão como um dos principais pilares da verdade na ciência (2020, p. 54).

⁵ Segundo Nietzsche, o racionalismo socrático se apresenta como uma espécie de prática de saberes corretivos da realidade. O filólogo alemão alega que Sócrates rejeita a noção filosófica existente no período anterior ao de seu racionalismo. Tal período, conhecido como período trágico, constitui para Nietzsche, o estágio da filosofia, onde havia a possibilidade da superação dos valores racionais estabelecidos na realidade vigente do ocidente em seu tempo. Pois, o pensamento trágico pré-socrático é marcado pela valorização dos instintos, da emoção, e sobretudo, do devir, sem a premissa do pensamento racional.

Da mesma forma como atribuiu a concepção do racionalismo antigo a Sócrates, Nietzsche nomeou Descartes como o pai do racionalismo moderno, “o filósofo que encontrou uma autoridade só na razão” (GATTO, 2020, p. 1125), como possibilidade de garantir a inteligibilidade do mundo. Segundo Nietzsche (2012), assim surge uma forma de metafísica cunhada pelo pensamento socrático baseada na “vontade de verdade”, que perpassou toda a história do pensamento ocidental e culminou com o intuito da ciência de ser detentora da verdade absoluta na modernidade a partir de Descartes. Assim, a “vontade de verdade” se vincula com a “vontade de poder”. Desse modo e entendendo a razão como uma vontade pertencente à condição humana, toda finalidade de uma vontade imprime seu sentido através do subjulgamento de outra “coisa menos potente” (NIETZSCHE, 2009, p. 84). Conseqüentemente, estas vontades estabelecem-se historicamente através de sujeições que ocorrem na dinamicidade das relações, por métodos distintos de aplicações. Estas “vontades” estão no cerne do que constitui o conjunto de valores morais, de regras, de composições sociais em diferentes arranjos inventados pelo humano. Assim, entende-se que a razão não foge à esteira dessa ideia de “vontade” descrita pelo pensador alemão, visto que a razão enquanto algo que se estabelece, também se estabelece como uma vontade de poder difusora de uma verdade. Parte de um construto, de uma invenção humana, não de uma natureza de ordem puramente divinizada (CARVALHO, 2016, p. 54).

Portanto, é através do intermédio de elementos diversos, que têm como pano de fundo a prescrição configurada por “vontades” dominantes, que vão determinar formulações de condutas, subjulgamento de indivíduos, construção de subjetividades, etc., em diferentes organismos que constituem as relações do humano, existindo resistências ou não. Nietzsche esclarece que parte destas vontades podem ser descritas como uma “coisa” que concatenam e podem disfarçar-se no tempo sob a primazia de um suposto “progresso” e sob o argumento de utilidade do homem para alcançar um determinado fim. Em *Genealogia da Moral*, ele diz:

O “desenvolvimento” de uma coisa, de um costume, de um órgão, não é, por conseguinte, de forma alguma sua progressão para um fim, menos ainda uma progressão lógica e direta realizada com o mínimo de forças e de despesas: é antes a sucessão de processos de sujeição, mais ou menos profundos, mais ou menos independentes uns dos outros, da qual ela é o teatro a que se agregam as resistências, as tentativas de mutação que entram em jogo para a defesa e para reação, e ainda os resultados de contra-ações coroadas de sucesso (NIETZSCHE, 2009, p. 84).

Acontece que nos diferentes desdobramentos que configuram o complexo sistema das relações humanas, a concepção de desenvolvimento de algo em sua finalidade exprime uma ideia de que o progresso tem por seus fins refletir um estado de potencialidade positiva do homem. No entanto, essa mesma concepção de desenvolvimento não leva em consideração os processos de sujeições existentes, tal como explica Nietzsche:

Quero dizer que o desaparecimento parcial da utilidade, o fenecimento, a degeneração, a perda de sentido e de adequação para uma finalidade, numa palavra, a morte faz parte das condições de progresso real que aparece sempre sob a forma de vontade, de direção para um poder mais considerável e que se realiza sempre a expensas de numerosos poderes inferiores. A importância de

um “progresso” se mede pela magnitude dos sacrifícios que requer; a humanidade como massa, sacrificada ao desenvolvimento próspero de uma única espécie de homem mais forte - aí está o que seria um progresso (NIETZSCHE, 2009, p. 85).

Desse modo, a razão, como uma das formas de constituição do conhecimento, não se estabeleceu por vias não explicáveis, mas sim pela supressão de configurações humanas em desconformidade de seus argumentos. No mesmo escrito sobre a genealogia da moral encontramos outros traços que apontam na direção da sua crítica à estruturação e constituição do pensamento racional:

Ah! a razão, a seriedade, o domínio das paixões, todo esse tenebroso negócio de que se chama reflexão, todos esses privilégios e esses atributos pomposos do homem, como custaram caro! Quanto sangue e quanto horror repousa no fundo de todas as “coisas boas”! (NIETZSCHE, 2009, p. 69).

Ainda dentro da crítica à razão, o filósofo alemão contestou veementemente o grau de certeza imediato atribuído ao racionalismo como sistema de resolução e afirmador da verdade das coisas que se fundam na ordem de um conjunto de saberes instituídos. É nesse sentido que Nietzsche suspeita da verdade, não só propagada pelo racionalismo ocidental, mas também pela visão cartesiana, reverberada posteriormente no discurso cientificista dos positivistas de seu tempo, baseado na concepção da verdade como objetivo último do processo de conhecimento e como certeza. Em *A gaia ciência* Nietzsche diz:

Que sabem vocês de antemão sobre o caráter da existência, para poder decidir se a vantagem maior está do lado de quem desconfia ou de quem confia incondicionalmente? E se as duas coisas forem necessárias, muita confiança e muita desconfiança: de onde poderá a ciência retirar a sua crença incondicional, a convicção na qual repousa, de que verdade é mais importante do que qualquer outra coisa, também que qualquer convicção? Justamente esta convicção não poderia surgir; se verdade e a inverdade continuamente se mostrassem úteis: como é o caso. Portanto, a crença na ciência, que inegavelmente existe, não pode ser originada de semelhante cálculo de utilidade, mas sim apesar de continuamente lhe ser demonstrado o caráter inútil e perigoso da ‘vontade de verdade’, da ‘verdade a todo custo’ (NIETZSCHE, 2001a, p. 235).

Como se vê, Nietzsche não só desconfia da crença na verdade tida como aquilo que é o mais importante entre todas as coisas, propagada pela ideia de ciência como certeza, como também desmascara o discurso cientificista da verdade – cuja pretensão é o de validade –, revelando o seu caráter utilitário e escancarando suas verdadeiras pretensões da “verdade a todo custo”, como “vontade de verdade”. Para Nietzsche aí reside o “perigoso” de tal pretensão, posto que a realidade pode estar sujeita a distintas interpretações, impulsionada pela vontade de poder. A propósito, em sua obra *Vontade de poder* (2011), Nietzsche reflete sobre a relação entre verdade e conhecimento nos seguintes termos:

Não “conhecer”, mas sim esquematizar, impor ao caos tanta regularidade e formas quantas sejam suficientes à nossa necessidade prática. Na formação da razão, da lógica, das categorias, a necessidade foi normativa: a necessidade não de “conhecer”, mas antes de subsumir, de esquematizar para fins de compreensão, de cálculo... (NIETZSCHE, 2011, § 515).

Consequentemente, com o advento desta nova configuração do que se entende como conhecimento, a convicção humana transforma o saber para divergentes práticas; para diferentes práticas de poder (NIETZSCHE, 2001, p. 138)⁶. E é neste contexto que está inserida o sentido instrumental da técnica na modernidade, representada pelo cálculo utilitarista por excelência e que se relaciona com características que são críticas a dilemas proeminentes do ser subjetivo dos indivíduos, incluindo aí o sentido utilitarista das coisas e do mundo da vida. Neste cenário, a técnica exerce um papel fundamental, quando atribuímos a ela o mero fazer, utilitário, calculado, daquilo que serve para a sobrevivência do ser humano.

Se conhecer é sinônimo de calcular, medir o real conforme as normas dos nossos interesses práticos e utilitários, assim também é vista a natureza, condicionada agora pelo domínio da técnica em sentido moderno. Afinal, conforme diz o projeto baconiano, “saber é poder”. E o conhecimento como cálculo é o modo de vivermos seguros por meio das estimativas, das probabilidades de êxito, dos resultados possíveis e necessários à nossa sobrevivência. Em suma, transfigurado no útil e no utilitário, que se manifesta no ser das coisas, o conhecimento técnico, assim como o conhecimento científico, molda não só o sentido objetivo da condição humana (como trabalhar, produzir, etc), mas também o seu sentido subjetivo (como pensar, viver, morrer, verdade, coisas)⁷.

Portanto, se o pensamento de Nietzsche não visa aprofundar especificamente a essência da técnica, como é fomentado, por exemplo, como eixo central da teoria de Heidegger sobre a técnica (NASCIMENTO, 2010, p. 19), o mesmo não ocorre quando observamos o quanto a sua crítica ao racionalismo, ao cientificismo e à verdade contribuem para pensar o sentido da técnica na contemporaneidade. Ou seja, se por um lado, Heidegger, um leitor de Nietzsche, logra pensar a técnica em seu sentido ontológico, como constitutivo do ser, antes mesmo, Nietzsche, com sua crítica à cultura ocidental, já havia lançado as bases para pensá-la desde a sua manifestação no ser racionalizado e cientificizado, que irrompe no discurso da modernidade da era do técnico.

Neste caso, trata-se de entender o ser da técnica em aspectos que são fundamentalmente constitutivos do ser enquanto subjetividade humana, entendendo o ser do humano constituído de atravessamentos, seja pela cultura, pela linguagem e, inclusive, pela técnica. É neste sentido, diga-se de passagem, que aqui tomamos de empréstimo o conceito de “subjetividade” de Michel Foucault (1994), para quem a subjetividade reside na complexidade de elementos heterogêneos que constituem o ser enquanto sujeito.

A técnica como reflexão a partir da crítica da moral

Tal como explicitado anteriormente, a desconfiança de Nietzsche quanto à verdade prática, útil, demonstrável, além de revelar as pretensões de “vontade de verdade”, revela ainda a “vontade de poder”, cuja manifestação também atinge o significado da técnica. Daí a perda do sentido originário da *techné* na transição do período arcaico para o moderno, no que concerne à perda da proximidade do homem com a natureza e suas forças vitais. Trata-se da perda da cosmovisão da

⁶ Cf. PIMENTEL (2008) e HAFEZ (1996), sobre o significado de conhecimento e ciência em Nietzsche.

⁷ Sobre o sentido do útil e do inútil, recomendamos a obra de Ordine (2016). Especificamente sobre o sentido do útil e da técnica, veja-se Heidegger (1995); Miranda (2017); Nascimento (2010, p. 17).

antiga filosofia que concebia a realidade a partir de uma visão de totalidade do mundo e das coisas, onde homem e cosmos, ser vivo e natureza, formam uma unidade. Em outros termos, trata-se de uma visão unificadora de pluralidades existentes na totalidade das coisas, não somente das partes isoladas do todo, como se pode observar na ciência moderna, com a fragmentação especializada do conhecimento. Neste contexto, observa Heidegger (1995; 2012), o processo de desvelamento da verdade de algo, na concepção *poiética*, perdeu-se na medida em que a ciência moderna estabeleceu a crença de que tudo aquilo que fosse produzido pelo homem poderia se dar através do conhecimento científico. Assim, a *techné*, enquanto saber prático que pressupõe um conhecimento universal, é paulatinamente substituída pelo sentido moderno de técnica, onde se observa a inversão dessa lógica, sendo esta entendida a partir da perspectiva meramente instrumental, isto é, como um conhecimento prático e especializado⁸.

Mas se a crítica de Nietzsche quanto ao sentido da verdade desvela sua implicação com a técnica em seu sentido moderno, tanto ou mais podemos estabelecer essas imbricações quando tratamos da relação entre moral e técnica na filosofia nietzschiana. Desde aí é possível conceber, como, no cerne do seu pensamento, é possível avistar a relação indissociável entre moral e técnica. Pensar ambos os temas correlacionados, a partir de Nietzsche, significa considerar uma nova proposição que emerge à tentativa de alavancar novos efeitos na base do que constitui a produção de saberes. Assim, ao analisar a relação entre valor moral e técnica em Nietzsche, Martins (2001, p. 82) destaca a importância de considerar a relação entre o ser humano e seu ambiente, ressaltando que entender o ser humano implica em compreender as partes que compõem o ambiente em que ele está inserido. Isso inclui a compreensão do papel desempenhado pela técnica e dos princípios que fundamentam sua presença na cultura moderna ocidental

Como bem observa Nietzsche em *Genealogia da Moral* (2009), um dos papéis da moralidade, no que se refere a algumas de suas particularidades, é a sua capacidade sedativa, ao qual ele denomina, do “instinto” dos indivíduos. Entendendo que o ser humano é composto por uma gama de diversidades que estruturam a sua experiência do viver, a moral, neste caso, age coercitivamente na imposição de normas, regras e condutas inibidoras destas distintas potencialidades do viver. Sendo assim, a moral se estabelece e se afirma como verdade universal e coercitiva nos diferentes contextos históricos e em diferentes grupos e sociedades, como é o caso da moral cristã (somente para citar um exemplo).

Em contrapartida, Nietzsche rejeita a ideia de que o comportamento das pessoas deva consentir com valores morais estabelecidos, sem a possibilidade de reflexão sobre os seus alicerces. Ele considera que uma moral que chega a se estabelecer, baseia-se numa estrutura de dominação de valores e virtudes, logo, está relacionada à vontade de poder operante sobre outra (NIETZSCHE, 2016, p. 255). Conseqüente, esta vontade de poder operante se estabelece em proposições diferentes, no que diz respeito aos modos pelos quais ela interdita explicitamente ou implicitamente os comportamentos coletivos e individuais. Os indivíduos tornam-se parte de tal vontade, mesmo havendo resistências ou não a ela.

Para Nietzsche, as categorias desta vontade de poder, podem ser entendidas como modos operantes de impulsos e emoções. Concernente a isso, Nietzsche concebe a moral como uma vontade de poder e a divide em duas perspectivas: a moral dos fortes e a moral dos fracos. No caso da moral dos fracos, a moral é

⁸ A propósito do sentido originário da técnica, além dos escritos já mencionados de Heidegger, conferir Montoya (2008) e Miranda (2020).

promovida pela negação das pulsões, pela não ação; diferentemente da moral dos fortes, que se sustenta pela afirmação de si (NIETZSCHE, 2009, p. 40).

Ainda no que concerne à moral dos fracos, Nietzsche considera que os elementos desta moral contribuem para a formação da constituição dos indivíduos a partir da negação da vida. Sem o poder de transformar a si mesmo por meio da afirmação de suas características instintivas ou pulsantes, o sujeito torna-se vulnerável, diminuído, navegador da própria confiança e ressentido (NIETZSCHE, 2009, p. 47)⁹. A moral ressentida dos fracos estabelece-se também como uma vontade de poder. Pois opera na idealização de seus pressupostos para fomentar a moral dos indivíduos, mesmo sendo considerada por Nietzsche detentora de pulsões negativas, como alerta Paschoal:

Interessa ressaltar que na apropriação feita por Nietzsche, quando o ressentimento extrapola a mera descrição de uma fraqueza fisiológica, ele não se caracteriza mais pela inação, como se tem no homem fraco e incapaz de reagir frente às injúrias sofridas, mas, ao contrário, por uma forma de ação. No caso de uma moral, por exemplo, mesmo em se tratando de uma forma de valorar que se constitui a partir da fraqueza, ela se faz justamente para criar as condições favoráveis para a expansão e predomínio desse homem fraco sobre os outros tipos de homem. Nesses termos, embora postule uma negação do caráter expansivo da vida, paradoxalmente, nas mãos dos impotentes, essa moral não deixa de ser uma forma de vida que pretende se expandir e se impor sobre as demais (PASCHOAL, 2008, p.16).

Para o filósofo da moral, o ressentimento também parte de uma vontade de poder operante que se justifica a partir de premissas vingativas, disfarçadas moralmente de benevolência (fraqueza), não obstante ao seu desejo de tornar-se prevalente às demais: “O pathos agressivo está ligado de forma tão necessária à força quanto os sentimentos de vingança e rancor à fraqueza” (NIETZSCHE, 2008, p. 29).

Considerada como valor de afirmação da verdade individual prevalente, a moral funciona efetivamente como uma ferramenta de influência e de poder (COSTA, 2020, p. 55). Nestes termos, os valores morais, a partir da “moral dos fracos”, estabelecem-se e se enraízam na sociedade a partir da difusão das verdades absolutas insolúveis que se propagam e se afirmam nas individuações. Esses valores vão influenciar os indivíduos cabalmente, por se estabelecerem pelas vias de dominância sobrepostas das instituições, que fomentam distintos grupos existentes nas sociedades e se confirmam como sistemas imutáveis e difusores de imperativos comportamentais (NIETZSCHE, 2001a, p. 58). Assim é que tal moralidade se projeta como verdade e se consolida por vias de manipulação e domesticação. Logo, a crítica de Nietzsche à moral dos fracos, enquanto moral dos ressentidos, obstrutora de ação e potencialidade das pulsões, revela um envenenamento produzido nos indivíduos pela não ação, ao mesmo passo que corresponde também a uma vontade que opera pela dominação às demais vontades, que “efetivamente é vitoriosa na cultura ocidental” (PASCHOAL, 2008, p. 23).

⁹ O “ressentimento” é talvez um dos temas mais significativos e recorrentes nos escritos de Nietzsche e compõe um conjunto de variações complexas em seu significado, posto que se vincula a vários temas centrais em sua filosofia, tais como: a crítica ao cristianismo, à moral, às configurações filosóficas e políticas de seu tempo. Para aprofundamento do assunto, indicamos a leitura de Paschoal (2014).

Pois bem, se levarmos em consideração o propósito deste estudo, que consiste em estabelecer as conexões entre a crítica da moral em Nietzsche e suas implicações enquanto compreensão da técnica em seu sentido moderno, a crítica à moral dos fracos faz todo sentido aqui. Afinal, a técnica também se constitui como um ente dessas estruturas presentes no mundo da vida. Sendo assim, a questão que se apresenta como crucial para poder pensar a associação da teoria da moral e da técnica emerge justo daí, quando Nietzsche apresenta a “moral dos fracos”, enquanto uma moral de negação da vida, de negação das pulsões (2009, p. 40). Logo, surge a pergunta fundamental: como essa concepção de moral se coaduna com a condição de subjetividade em nossa época?

Numa tentativa de se acercar à tal problemática, primeiramente é preciso considerar que numa sociedade, cujo modo de produção das relações materiais é baseada no capital, a técnica ocupa um papel fundamental, por ser ela a mediação necessária dentro do sistema capitalista, posto que a maquinaria (produto da revolução industrial) é que garantirá maior produção em menor tempo, como bem lembra Marx (1994)¹⁰. É precisamente no cerne da reprodução capitalista, condicionada a esse novo formato de sobrevivência utilitária, calculada, que se estabelece a relação entre moral e técnica como elementos constitutivos da subjetividade moral.

E é nesse contexto também que se interpelam as relações entre os indivíduos e o sentido da responsabilidade. Tratam-se de indivíduos condicionados a um sistema do “dever de algo”; educados a obedecer a uma força operante para cumprir um “dever necessário”; responsáveis para execução de alguma coisa e sem o poder de ação própria de sua vontade, pressionados a garantir sua sobrevivência. Enfim, indivíduos como seres calculáveis para o futuro, como descreve o próprio Nietzsche:

Como é necessário que o homem, para dispor assim por antecipação do futuro, tenha começado por aprender a separar o acontecimento necessário do fortuito, a pensar de maneira causal, a ver o distante e a antecipar-se a ele como se estivesse presente, a fixar com segurança o que é objetivo, o que é meio para atingi-lo, de maneira geral a calcular, a saber calcular - como foi necessário que para isso o próprio homem se tivesse primeiramente tornado calculável, regular, necessário, até em sua própria representação de si, para chegar desse modo a poder, como o faz um ser que promete, estabelecer-se como garantia de si mesmo como futuro! É justamente isso que constitui uma longa história da responsabilidade. Essa tarefa, educar um animal que possa fazer promessas, pressupõe, como já foi dito, a título de condição e de preparação, outra tarefa, mais imediata, a de começar por tornar o homem, até certo ponto necessário, uniforme, semelhante entre os semelhantes, regular, e, por conseguinte, calculável (NIETZSCHE, 2009, p. 65).

Nietzsche considera ser este o longo caminho da moralidade que atravessa o ser humano em sua responsabilidade, transformando-o em um ser necessário, uniforme, regular. Caminho que atinge seu auge em nossos tempos pelo grau de estupidez com que fomos conduzidos pela “moralidade dos costumes” e pela “camisa de força social”, baseadas na calculabilidade, inclusive da condição humana, “como garantia de si mesmo como futuro”. E conclui:

O verdadeiro trabalho do homem sobre si mesmo durante o mais longo período da espécie humana, todo o seu trabalho pré-histórico, encontra aqui sua

¹⁰ Para aprofundamento do sentido da técnica como mediação do capital, indicamos a leitura de DUSSEL (1988).

significação e sua justificação, qualquer que seja o grau de tirania, de estupidez e de idiotice; unicamente pela moralidade dos costumes e pela camisa de força social, o homem chegou a ser realmente calculável (NIETZSCHE, 2009, p. 65).

Ainda seguindo a abordagem da “moral dos fracos”, enquanto moral de conformação e negação de si, os indivíduos que assim são orientados, apresentam padrões comportamentais que sustentam a primazia da moral tecnicada na modernidade, tanto pela via do “ideal ascético”, quanto pela via da “atividade maquinal”.

No primeiro caso, trata-se de um ideal que, conforme referido por Nietzsche em *Genealogia da Moral*, consiste na negação das pulsões em prol de uma estagnação da experiência terrena a favor de um conjunto de valores que se baseiam na elevação retida na direção da contenção de si. Tal ideal se relaciona a um suposto plano de virtudes póstumas para além da vida, transfigurando potencialidades instintivas para um ideal de sublimação pela inibição; uma espécie de encanto enfeitiçador da dor de existir, ausência de sofrimento, um rebaixamento da vida. Nesse sentido, o ideal ascético se disfarça como bálsamo do sofrimento, pois, sustenta-se na ideia de reconforto dos infortúnios condicionados ao humano. No entanto, ao narcotizar problemas através da inibição de si, esse ideal ignora complexidades relacionadas às potencialidades distintas de interpretar o mundo e a si, ao se impor coercitivamente na forma de uma conduta moral ideal. A suposta funcionalidade balsâmica surge na tentativa de contenção de uma presumida “epidemia do cansaço” ou “depressão fisiológica das massas” (NIETZSCHE, 2009, p. 144), que aparecem historicamente de tempo em tempo nas sociedades. Ao mesmo passo que produz nos sujeitos padrões de comportamentos ressentidos e um certo “[...] tipo de vontade de domínio típico da moral de escravo” (PASCHOAL, 2014, p. 213).

A exemplo desta vontade de domínio da moral dos fracos, emerge na atualidade, o comportamento moral ressentido da vida em redes. Nele, há um desenfreado lugar de fuga ascética na busca constante de auto-realização frente às interações sociais artificialmente produzidas. Para além das diversas funções que tem a internet, em se tratando de seus espaços de interação social, por exemplo, tem surgido um crescimento difuso de discursos de ódio e imposição ideológica, assim como também um desenfreado avanço de desinformações que se espalham sem respaldo comprobatório (SCHILLING, 2019, p. 41). Esse aspecto de imposição ideológica de verdades do homem do presente, demonstra, como frequentemente presente nos textos de Nietzsche, o comportamento da vontade operante retida. Dessa maneira, notadamente constata-se a inerente presença de uma cultura de contingenciamento das massas, atrelada ao ideal de moral desse homem em vigor, que se torna juiz da moralidade alheia. Nietzsche, nas palavras de Marton, “Julga que o homem medíocre procura instituir maneiras de agir e pensar universalmente válidas, censurar toda originalidade, reprovar qualquer mudança. Promotor da vida em coletividade, se tentasse viver de outro modo, sucumbiria” (2011, p. 21).

Considerando ainda as vias de manifestação da moral dos fracos, conforme referido anteriormente, no segundo caso, tem-se a “atividade maquinal”. Ou seja, tratam-se de padrões comportamentais que sustentam a primazia da moral tecnicada. Diz respeito à relação desse ideal moral (ascético) enquanto uma espécie de estado de força propulsora de negação dos indivíduos, imbricada na condição de suas atividades de produção, compreendidas como atividade puramente maquinal. Contra os estados de depressão dos indivíduos, hipnotizados

agora pelo ideal hipócrita das “bençãos do trabalho”, a atividade maquinal, transforma o subjetivo da condição humana (e a própria sensibilidade), num ser para o trabalho, onde se pode observar características que lhe são peculiares, como: a regularidade, a disciplina, o cumprimento de horário, a obediência, a impessoalidade, enfim, a supressão de si próprio. Nestes termos, diz o filósofo:

Com mais frequência que essa obsessão hipnótica do conjunto da sensibilidade, da receptividade à dor que já pressupõe forças fora do comum, antes de tudo coragem, desprezo da opinião, “estoicismo intelectual”, revelaram, contra os estados de depressão, o modelo de outro treinamento que é em todo caso mais leve: a *atividade maquinal*. Que atividade alivie sobremaneira uma existência de dor, não é o caso para duvidar: é o que hoje se chama hipocritamente “a benção do trabalho”. Verifica-se o alívio, afastando-se da dor o interesse do paciente ocupado a atividade toda a consciência humana! A atividade maquinal e tudo quanto a ela se refere, como a regularidade absoluta, a obediência pontual e irrefletida, o costume adquirido, o emprego do tempo, certa disciplina da impessoalidade do esquecimento de si próprio, da *incuria sui* [a falta de cuidado de si] com que radicalidade e com que delicadeza soubesse o sacerdote asceta empregar tudo isso na luta contra a dor (NIETZSCHE, 2009, p. 148. Grifo nosso).

Desta forma, o ideal ascético, somado à atividade maquinal, constitui toda e qualquer atividade de trabalho puramente vinculada à negação e ressignificação das potencialidades do indivíduo, onde o homem apresenta-se como retido e condicionado, pois, limita-se dentro dos modos de vida de um ser responsável, projetado e calculável para o futuro, acreditando que chegou ao “cume da erudição do viver”. Como resultado, o indivíduo deixa de questionar suas próprias capacidades que possam ultrapassar as fronteiras desta condição de sobrevivência, não levando em consideração outras experiências possíveis do viver e a capacidade transformativa dos seus impulsos.

A atividade maquinal (somada ao ideal ascético), rege a condição humana em seu modo de comportar-se no mundo em nosso tempo, posto que está associada à “vontade da verdade”, ou seja, a como conhecemos o mundo. Em outros termos, como condicionante epistemológica do nosso modo de conhecer as coisas, a atividade maquinal transforma-se também em condicionante moral, porque é também o nosso modo de habitar o mundo. É, portanto, a metafísica do tempo presente, onde moral e técnica estão intrinsecamente imbricadas e implicadas entre si, numa espécie de “hybris”, assim descrita por Nietzsche em *Genealogia da Moral*:

[...] *Hýbris* é hoje nossa atitude para com a natureza, nossa violentação da natureza com ajuda das máquinas e da tão irrefletida inventividade dos engenheiros e técnicos; *hýbris* é nossa atitude para com Deus, quero dizer para com uma presumível aranha de propósito e moralidade por trás da grande tela e teia da causalidade [...]; *hýbris* é nossa atitude para com nós mesmos, pois fazemos conosco experimentos que não nos permitiríamos fazer com nenhum animal, e alegres e curiosos viviseccionamos nossa alma: que nos importa ainda a “salvação” da alma! Depois curamos a nós mesmos: estar doente é instrutivo, não tenhamos dúvida, ainda mais instrutivo que estar são – os que tornam doente nos parecem mesmo mais necessários do que homens de medicina e “salvadores”. Violentamos a nós mesmos hoje em dia, não há dúvida, nós, tenazes, quebra-nozes da alma, questionadores e questionáveis, como se viver fosse apenas quebrar nozes: assim nos devemos tornar cada vez mais passíveis

de questionamento, mais dignos de questionar, e assim mais dignos talvez – de viver?... (NIETZSCHE, 2001b, III, 9, p. 102-1030¹¹).

A essa altura cabe indagar se não seria, pois, a técnica moderna uma forma de violência contra a natureza e contra nós mesmos? Seja pela atitude com a natureza, violentada com a ajuda de máquinas e das ações irrefletidas dos técnicos e especialistas, seja pela atitude conosco mesmo, onde os humanos são o próprio fruto do experimento da técnica, a pergunta recobra ainda mais sentido quando se atenta para a inter-relação entre moral e técnica na modernidade, que se manifesta no potencial da estruturação do comportamento moral sob a influência da tecnificação da condição humana. Culminando numa espécie de ontologia do humano na modernidade, a moral tecnicada marca na cultura ocidental uma constante busca por simplificação e domesticação coletiva, onde notadamente se perde a potencialidade de transformação que existem nas distintas outras possibilidades de estímulos que vão além dos “deveres incondicionais” (NIETZSCHE, 2001a, p. 57).

Essa mesma moral tecnicada passa a se configurar como um devir da modernidade. Devir este que não possibilita transpassar a experiência dos indivíduos a novos sentidos, que não sejam os sentidos envoltos na lógica do trabalho irrefletido, socialização em redes artificialmente construídas e acúmulo material. As premissas ideológicas de liberdade no presente são definidas por uma realização baseada no consumo, difundidas por meios de absorção das experiências embutidas em novas tecnologias, que implicam justamente na interpretação semiótica de realização pessoal, estabelecendo distorcidos sentidos de auto realização, liberdade e felicidade.

Nesse sentido, o sistema parece fortalecer suas bases e se transforma em eixos de representação em conformidade com a moral de um conjunto de massas contingenciais. Moral esta essencial para que se firme um ideal subsumido no comportamento técnico à esteira da difusão do comportamento similar ao de “rebanho”. Sendo assim, caberia ainda questionar se a técnica, no que constitui o arcabouço produtor desenfreado de tecnologias do tempo presente, não seria uma nova causa produtora de moralidade de rebanho, cujo papel outrora era tão bem desempenhado pelo cristianismo. Eis porquê a questão posta por Young faz todo sentido:

A origem do instinto de rebanho da modernidade é o legado da moral cristã. Mas uma causa alternativa poderia ser a tecnologia moderna, a tendência da indústria moderna, as comunicações e a tecnologia administrativa que convertem os seres humanos em “recursos humanos”, engrenagens de uma grande máquina, que se diferenciam tão pouco uns dos outros como peças das máquinas. Seria, então, a tecnologia e não o cristianismo a causa real da característica “bovina” da modernidade, na qual os homens não têm vontade própria e são facilmente manipuláveis? (YOUNG, 2014, p. 421).

¹¹ Neste caso em particular, utilizamos a tradução de Paulo César de Souza de *Genealogia da moral*, por considerar uma tradução mais fidedigna quanto ao uso do termo “hybris” no contexto do pensamento nietzschiano. Uma leitura ampliada sobre o sentido de “hybris” no decorrer da história da metafísica, incluindo a filosofia de Nietzsche, pode ser encontrada em Santos (2015, pp. 100 e ss).

O instinto de rebanho da modernidade, pois, é o resultado da técnica moderna, transformada agora em maquinaria. “Á máquina como mestra” atinge o âmbito da subjetividade, conforme observa Nietzsche:

A máquina ensina, por si mesma, o encadeamento das multidões humanas, em operações em que cada um só tem de fazer uma coisa; ela fornece o modelo da organização de partido e da condução de guerra. Por outro lado, não ensina a soberania individual: faz de muitos uma só máquina, e de cada um, um instrumento para uma só meta. Seu efeito mais amplo é ensinar a utilidade da centralização (NIETZSCHE, 2008, II, 218, p. 197).

A maquinaria traduz a idolatria do lucro e do mercado (hoje travestida no conceito de “inovação”), dita o comportamento e permeia a cultura. Conforme complementa com precisão Fragoso, ao raciocinar sobre o pensamento da cultura utilitarista e imediatista contemporânea: “O lucro assumiu a posição de valor moral. A cultura rápida antecipa o lucro” (1974, p. 285). Consequentemente, os meios de produção tecno-científicos da era moderna, irrompem contrariamente a uma tentativa de cultivar uma cultura de fortalecimento de sublimação das pulsões e estados de plenitude. A realidade moral técnica que se até só está fundamentada no desenfreado estado de produção em larga escala e no encarceramento ideológico social político (FEILER, 2020, p. 250). A despeito, e observando o comportamento social em seu tempo, assim Nietzsche escreve no aforismo 329 de *A gaia ciência*:

As pessoas já se envergonham do descanso: a reflexão demorada quase produz remorso. Pensam com o relógio na mão, enquanto almoçam, tendo os olhos voltados para os boletins da bolsa – vivem como alguém que a todo instante poderia “perder algo”. “Melhor fazer qualquer coisa que nada”. Este princípio é também uma corda, boa para liquidar toda a cultura e gosto superior (NIETZSCHE, 2001a, p. 218).

Diante das demandas de questões de ordem prática e em decorrência das exigências necessárias da própria sobrevivência, os indivíduos são subjugados a essa incorporação da nova ordem do sistema socioeconômico vigente, que, por sua vez, arrasta-se para o interior das subjetivações (FRAGOSO, 1974, p. 285). Pois, “viver continuamente à caça de ganhos força o espírito até a exaustão, sempre fingindo, fraudando, antecipando-se aos outros: a verdadeira virtude, agora, é fazer algo em menos tempo que os demais” (NIETZSCHE, 2001, p. 218). Assim, a busca incessante pelo lucro, molda o comportamento dos indivíduos e de seu viver em sociedade. Não por acaso, o mito da inovação é a nova palavra de ordem do capitalismo atual, baseada na ideia de competitividade, iniciativa e consumo. Nesse cenário, a técnica passa a sustentar o papel instrumental de necessidade básica que se formaliza na condição de compulsão e poder de consumo (GIACÓIA, 1999). Também passa a ser designada apenas como função de ferramenta, um meio de produção de artefatos, como cálculo e medida:

Calcular e medir. — Ver muitas coisas, sopesá-las, descontar umas das outras e delas tirar uma rápida conclusão, uma soma razoavelmente segura —isso produz o grande político, general, comerciante:— ou seja, a velocidade numa espécie de cálculo mental. Ver uma só coisa, nela encontrar o único motivo para agir, o juiz de todo o agir restante, isso produz o herói, e também o fanático — ou seja, a facilidade para medir com uma só vara (NIETZSCHE, 2008b, II, 296, p. 220).

Vale lembrar que o homem como medida de todas as coisas faz parte da crítica contundente de Nietzsche como elemento constitutivo da condição humana herdada da cultura clássica ocidental. No aforismo 21 ainda da segunda parte do *Andarilho*, ele se refere ao “homem como aquele que mede”:

Talvez toda a moralidade da humanidade tenha sua origem na tremenda agitação interior que se apoderou dos homens primevos, quando descobriram a medida e o medir, a balança e o pesar (a palavra “homem” significa o que mede, ele quis se denominar conforme a sua maior descoberta!). Com essas concepções eles se elevaram até âmbitos que são totalmente imensuráveis e “impesáveis”, mas que originalmente não pareciam sê-lo (NIETZSCHE, 2008b, p. 131).

Em efeito e tal como já adiantamos na primeira parte deste escrito, na “vontade de poder”, o conhecimento, determinado pela razão, tornou-se um mero cálculo. Não se trata mais de conhecer, mas sim de calcular, medir, estimar, planificar e controlar. Daí surge um modelo civilizatório, inclusive em seu sentido valorativo, em profunda consonância com os ditames da técnica. A técnica moderna alberga em si o “pensar calculador”, assim sentencia Heidegger desde suas leituras sobre Nietzsche (HEIDEGGER, 2014, p. 406 e ss). Por isso mesmo, a técnica não é uma questão técnica, e sim filosófica por excelência, dirá o mesmo Heidegger em *A pergunta pela técnica* (2012).

Considerações finais

Num momento histórico em que a técnica desempenha cada vez mais papel fundamental como constituinte da condição humana de ser e estar no mundo, tal como antecipava Hans Jonas e mencionado aqui já na parte introdutória, o pensamento crítico de Nietzsche acerca da moral e da cultura ocidental, recobra cada vez mais relevância histórica. Suas reflexões são arranjos pioneiros da transformação epistêmica e ética, no sentido de pensar as possibilidades que caracterizam desafios presentes em nossa época, decorrentes, sobretudo, da era da tecnificação, incluindo a moral.

Embora Nietzsche, em seu obrar filosófico, não tenha se debruçado sobre a técnica, suas ideias desencadeiam os elementos teóricos fundamentais para pensar o sentido da técnica em nosso tempo. Seja pela via da crítica ao conceito de verdade, dogmatizada pelo racionalismo científico e pelo positivismo do século XIX, seja pela via da crítica ao conhecimento postulado pelo método científico experimental, fato é que Nietzsche, o pensador da genealogia da moral, nos leva a refletir também sobre a gênese da técnica e, especialmente, sobre seu significado em nossa época. Como vimos, moral e técnica implicam-se mutuamente na contemporaneidade, e inexoravelmente estabelecem o constitutivo da condição humana, numa clara transformação ontológica decorrente desse enlace complexo no tempo presente. A emergência de uma “moral tecnificada” vincula-se à lógica de busca incessante do lucro, cujos interesses são sustentar os âmbitos ideológicos do indivíduo ressentido, o homem para o trabalho, a manipulação pelo instinto de rebanho e a cultura do consumo rápido.

Disso se conclui que a sofisticação e pertinência do pensamento de Nietzsche é notadamente impressionante, mesmo que o autor não tenha vivido plenamente a revolução tecnológica que lhe sucedeu. Seu pensamento revela o quanto sua visão filosófica transcende ao seu tempo. Nietzsche, apresenta uma

afetação às questões subjetivas que desencadeiam os dilemas morais da atualidade, produzidos, inclusive, pela técnica. Seja pela via da moral dos fracos, do “ideal ascético”, seja pela via da “atividade maquinal”, em efeito, sua visão sobre a moral apresenta eixos norteadores do comportamento e do sentido do subjetivo da condição humana em nossos tempos.

Por isso mesmo, a reflexão nietzschiana constitui viradas que são, de todo modo, ontológicas e transformadoras. Sua teoria, questiona as premissas fundamentais de diferentes setores instituídos e estabelecidos das coisas como verdade absoluta. Seu pensamento subverte e questiona normas instauradas, induzindo constantemente o preceito da dúvida, estimulando inquietações quanto às bases de sustentação da realidade vigente. Por isso mesmo, é fundamental considerar que os mecanismos que sustentam a verdade na era da técnica moderna, bem como a possível dominação da verdade e as vias de manipulação das massas, são os grandes difusores dos conceitos dominantes da verdade. Qual é a moral associada à verdade? Quem são os destinatários das verdades na era tecnificada?

De todo o exposto até aqui, algo permanece como necessário, segundo o próprio Nietzsche: “o homem só atingirá a compreensão mais profunda de si e do que lhe constitui, quando conseguir compreender verdadeiramente suas próprias pulsões” (2001, p. 137). Parece que, no cerne de todas essas questões, a urgência em pensar os problemas enfrentados, concentra-se numa estrutura lógica de encontrar as verdades das coisas no útil e no prazeroso, que, por sua vez, tornam-se efetivamente o que constitui o pensamento do homem no presente.

Talvez Nietzsche não tenha a resposta mais coerente a apresentar como medida “resolutiva” no campo da filosofia, em relação àquilo que espera a imensa maioria que vivem como “rebanho”. Muito menos sua filosofia ofereça aporte balsâmico que tanto os indivíduos desejam alcançar, sobretudo, quando estão em conflitos com suas próprias faltas. Entretanto, em seus escritos, encontramos novos sentidos e proposições que podem elucidar os caminhos, numa verdadeira virada ontológica epistemológica, epistemológica e ética da nossa condição de estar e viver no mundo. Quando compreendidos, seus escritos tornam-se válvulas viscerais de transformações, inclusive de nós mesmos, tal como diz o próprio Nietzsche: “Todos nós temos jardins e plantações ocultas em nós; e, numa outra imagem, somos todos vulcões em crescimento, que terão sua hora de erupção: - mas se ela está longe ou perto, isso ninguém sabe, nem mesmo Deus” (NIETZSCHE, 2001a, p. 61).

Referências bibliográficas

CARVALHO, Edmilson Moreira de. **Nietzsche e a tragédia**: crítica ao racionalismo socrático e superação da metafísica pela arte. 2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

COSTA, Abraão Lincoln. Nietzsche entre a ciência e a crítica dos fenômenos morais. **Guairacá-Revista de Filosofia**, v. 36, n. 1, p. 46-59, 2020.

TOLEDO, Ricardo de Oliveira. As leituras de Nietzsche sobre Comte. **Estudos Nietzsche**, v. 7, n. 2, p. 102-119, 2016.

DUSSEL, Enrique D. **Hacia un Marx desconocido. Un comentario a los Manuscritos del 61-63**. México: Siglo Veintiuno, 1988.

- FEILER, Adilson. Nietzsche: Da Técnica da Memória à Técnica do Esquecimento? **Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea**, v. 8, n. 3, p. 247-263, 2020.
- FRAGOSO, Myriam Xavier. Nietzsche e a educação. **TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia da Unesp**, v.1 p. 277-293, 1974.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade II: o uso dos prazeres**. Trad.: Maria Thereza da Costa Albuquerque. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1994.
- GATTO, Alfredo. Friedrich Nietzsche e a crítica da subjetividade cartesiana. **Educação e Filosofia**, v. 34, n. 72, p. 1105-1122, 2020.
- HAFEZ, Rogério. Nietzsche, um “crítico” da ciência? **Revista USP**, n. 8, pp. 233-244, 1996.
- HEIDEGGER, Martin. A pergunta pela técnica. In: **Conferências e escritos filosóficos**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche. Vol. I e II**. Trad. Marco Antonio Casanova. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. **Língua de tradição e língua técnica**. Trad. Mário Botas. Lisboa: Passagens, 1995.
- JONAS, Hans. **Technik, Medizin und Ethik: Zur Praxis des Prinzips Verantwortung**. Frankfurt am Main: Suhrkamp; 1987.
- MARTINS, Francisco Eduardo Menezes. Nietzsche, valores humanos e devir da técnica. **Revista FAMECOS**, v. 8, n. 16, p. 82-87, 2001.
- MARX, Karl. **Cuaderno Tecnológico-Histórico**. Trad. Enrique Dussel. México: Ediciones Universidad Autónoma de Puebla, 1984.
- MIRANDA, Angela Luzia. **Técnica y ser en Heidegger**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2017.
- MIRANDA, Angela Luzia. Ética e técnica: esboço de uma crítica heideggeriana à ética jonasiana. **Filosofia Unisinos. Dossier: Filosofia da Tecnologia**. v.21, p. 95-105, 2020.
- ORDINE, Núcio. **A utilidade do inútil. Um manifesto**. São Paulo: Zahar, 2016.
- PIMENTEL, Flávio. Nietzsche e a pergunta “O que significa conhecer?”. In: **Revista Trágica: Estudos sobre Nietzsche**. vol.1, n.1, p. 22-38, 2008.
- SUARÉZ, Oscar Montoya. De la técnica griega a la técnica occidental moderna. In: **Scientia et Technica**. Ano XIV, n.39. UTP, 2008.
- NASCIMENTO, Daniel Arruda. A ciência como doadora de verdade: entre Heidegger e Nietzsche. **Pensando-Revista de Filosofia**, v. 1, n. 2, p. 17-31, 2010.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Letras, 2001a.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das letras, 1999.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo, Companhia das Letras, 2008a.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da Moral. Uma Polêmica**. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001b.

- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da Moral**. Trad. Antonio Carlos Braga. 3. São Paulo: Editora Escala, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Humano, demasiado humano**. Vol. I e II. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Letras, 2008b.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O anticristo**. Trad. Renato Zwick, Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O nascimento da tragédia, ou helenismo e pessimismo**. J. Guisburg. São Paulo: Companhia de bolso, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- MARTON, Scarlett. A Filosofia de Nietzsche: um pragmatismo avant la lettre. **Cognitio: Revista de Filosofia**, v. 7, n. 1, p. 115-120, 2006.
- MARTON, Scarlett. Nietzsche e a crítica da democracia. **Revista Dissertatio de Filosofia**, v. 33, p. 17-33, 2011.
- PASCHOAL, Antonio Edmilson. As formas do ressentimento na filosofia de Nietzsche. **Philosophos - Revista de Filosofia**, v. 13, n. 1, p. 11-33, 2008.
- PASCHOAL, Antonio Edmilson. **Nietzsche e o ressentimento**. São Paulo: Humanitas, 2014.
- SCHILLING, Rodrigo Luís. O ressentimento em Nietzsche e o ódio na internet. **Prometheus-Journal of Philosophy**, v. 11, n. 31, 2019.
- SANTOS, Fábio Candido dos. **Vontade: o métron da hybris da história da metafísica**. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2015.
- YOUNG, Julian. **Friedrich Nietzsche: uma biografia filosófica**. Trad. Marisa Motta. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

Recebido em: 05/2024
Aprovado em: 10/2024